

Luminologia e(m) teoria queer: rumo ao desenvolvimento de pesquisas pós-iluministas

William Scheidegger Moreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

William-scheidegger@hotmail.com

Resumo:

Este texto investigativo se dedica a refletir sobre o conceito/ a teoria *queer*, levando em consideração tanto estudos relativos a este próprio conceito/teoria, quando outras pesquisas, teorias e estudos, sobre Humanidades, propostos “sob perspectivas pós-estruturalistas”. Ao longo desta pesquisa, também desenvolvo algumas reflexões, teórico-críticas, relativas aos conceitos de gêneros, sexo e sexualidades, propondo, a partir de então, uma nova “técnica investigativa” também possível às pesquisas, sobre Humanidades, desenvolvidas sob acordos, aproximações e perspectivas propostas por teorias pós-estruturalistas – “técnica”, a qual venho a denominar como *luminologia*. “Aqui”, *queer* é refletido como conceito/teoria sob experimentações e intersecções às teorias das imagens e do imaginário, onde, para além dos corpos, hegemônica e sócio culturalmente, considerados “estranhos”, privilegiam-se atenções aos regimes relacionais pelos quais estes corpos, por suas expressões estéticas e performativas, são constantemente interpelados e submetidos.

Palavras chave: Queer, Luminologia, Imagens, Imaginário, Relações Interpessoais.

Resume:

This investigative text is dedicated to reflecting on the queer concept/theory, taking into account both studies relating to this very concept/theory, as well as other research, theories and studies on the Humanities, proposed “under post-structuralist perspectives”. Throughout this research, I also develop some theoretical-critical reflections on the concepts of gender, sex and sexualities, proposing, from then on, a new "investigative technique" also possible for research on Humanities, developed under agreements, approximations and perspectives proposed by post-structuralist

theories – “technique”, which I have come to call luminology. "Here", queer is reflected as a concept/theory under experiments and intersections with the theories of images and the imaginary, where, in addition to the bodies, hegemonic and socioculturally, considered "strange", attention is given to the relational regimes by which these bodies, due to their aesthetic and performative expressions, are constantly challenged and submitted.

Key works: Queer, luminology, imagens, imaginary, interpersonal relationships.

Introdução:

“Queer” aparece no inglês do século XVI para designar o que é “estranho”, “excêntrico”, “peculiar”. A partir do século XIX, a palavra começa a ser usada como xingamento para caracterizar homossexuais e outros sujeitos com comportamentos sexuais aparentemente desviantes. No entanto, no final dos anos oitenta do século passado, o termo começa a ser apropriado por certos grupos LGBT no interior de um processo de ressignificação no qual o significado pejorativo da palavra é desativado através de sua afirmação por aqueles a quem ela seria endereçada e que procurava excluir (BUTLER, 2017, p. 177 – 178).

Hoje, nos campos de produções de conhecimentos acadêmicos sobre Humanidades - através de (con)textos e(m) pesquisas desenvolvidas sob perspectivas propostas por *teorias pós* (ST. PIERRE, 2018) -, o **termo** *queer* foi subvertido em diversos de seus sentidos e(m) representações históricas (hoje, já consideradas “ultrapassadas”).

A palavra queer, que, até dados recortes de tempos históricos, era proferida sob intenções de ferir/discriminar - “emocional”, pessoal e/ou contextualmente - determinados sujeitos, considerados e (re)posicionados, sócio culturalmente, pelos demais, como estética e/ou performativamente “errantes”, “monstruosos”, “desviantes” e/ou “hereges”, hoje, em algumas “extensões” das Humanidades, consiste tanto como *um conceito teórico*, quanto como *título de uma proposta teórica pós-estruturalista*, dedicada a *pós-analisar* (ST. PIERRE, 2018) estes mesmos atos discriminatórios,

operados sob regimes de preconceitos socioculturais - que, antes, o próprio termo queer “contribuía” para com manutenções e(m) reforços.

“O queer”, aos modos como, hoje, posso (re)pensá-lo e concebê-lo, como *conceito* e(m) propostas teóricas, se dedica a estimular produções e(m) desenvolvimentos de pesquisas pós-estruturalistas, de movimentos pós-analíticos investigativos, e de discussões/reflexões político-teóricas relativas a determinadas operações, práticas e(m) pensamentos cotidiano-contextuais – caracteristicamente socioculturais, históricos e político-educacionais –, potencialmente geradores de *regimes de preconceitos, de diferenciações hierarquizadas e de in/exclusões* (VEIGA-NETO; LOPES, 2010), de *diversas “ordens”*, dinamizadas, mantidas e praticadas entre determinados “subgrupos de sujeitos” - considerados, “hegemônica e identitariamente”, como “distintos”, uns dos outros.

Segundo pesquisas realizadas por Sara Salih: “o queer não está preocupado com definição, fixidez ou estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso a assimilação” (2015, p.19). Sob acordos a tal perspectiva, aqui, passo a considerar que a “teoria queer” volta suas atenções a determinadas questões sobre “como” os corpos tendem a ser, *identitaria-mente* (SILVA, 2017), *imaginados* (WULF, 2013) – geralmente, como “monstruosos” -, pelos contextos e(m) cotidianos socioculturais que praticam e pensam nos cernes da sociedade e das culturas que partilham com os demais (corpos).

Voltaria, também, suas atenções e(m) investidas teórico-investigativas a pós-análises relativas à determinadas “eclosões e(m) manutenções” de regimes de violências socioculturais, históricos e político-educacionais - caracteristicamente normativos, violentos e excludentes -, pelos quais, estes corpos são, cotidianamente, submetidos, em diversos contextos relacionais que praticam, por conta das *imagens* (ALLOA, 2017) e(m) *performances* (BALL, 2010), “de/sobre si”, que (supostamente) expressam aos demais (corpos) através de suas (con)figurações corporais.

Atualmente, venho refletindo e (re)pensando sobre estas propostas teóricas (queer) – levando em consideração, para isso, obviamente, tanto estudos sobre as *propostas* teóricas queer, quanto estudos sobre outras questões desenvolvidas e propostas por outras teorias pós -, de modos que percebendo-as como espécie de propostas e(m) reflexões teóricas que *voltam suas atenções e(m) investimentos investigativos aos diversos regimes e(m) mecanismos “geradores” de “prejuízos político-relacionais”* -

caracteristicamente político-históricos, socioculturais, relacionais e educacionais – praticados entre “subgrupos ‘identitarizados’ de sujeitos”, pelos quais, determinados corpos - considerados como “monstruosos, desviantes, hereges e/ou subversivos” às normas, sócio culturalmente hegemônicas, sobre (re)produções de identidades (SILVA, 2017) de “gêneros” e/ou de “sexualidades” - são compulsivamente submetidos, (supostamente) por conta das (con)figurações estético-performativas corporais que (supostamente) os (re/des)montam como “expressões de/sobre si mesmos”.

Sob estas direções, passo a considerar que, ainda que as propostas teóricas “queer” dediquem suas atenções e investimentos a determinadas questões relativas aos corpos, sócio culturalmente, ditos e interpelados como “monstruosos, hereges e/ou desviantes”, estas propostas teóricas, “em si mesmas”, funcionariam/eclodiriam como espécie de “teoria pós, caracteristicamente político-social, voltada a investigações sobre os modos como determinadas *imagens* (ALLOA, 2017), e(m) *operações* e consensos socioculturais *imaginários* (WULF, 2013)”, hegemônicos, passam a contribuir e manter determinadas conjunturas político-relacionais operadas de modos que, caracteristicamente, sustentadas por regimes de preconceitos e discriminações entre determinados subgrupos de sujeitos.

Assim, passo a compreender as propostas queer como “dedicadas” a desenvolvimentos de *pós-análises* (ST. PIERRE, 2018) teóricas, que voltam suas atenções e investimentos investigativos a determinadas conjunturas relacionais, *praticadas* entre determinados (“subgrupos identitarizados” de) sujeitos (corpos) - (supostamente) (re)compostos como/por figuras e(m) estéticas/performances específicas”. Queer, aqui, portanto, se trataria de “uma espécie de análise de imagens estético-performativo-corporais, geradoras de regimes de preconceitos praticados entre sub-grupos de sujeitos, onde parte destes se expressam como sob acordos as normas, hegemônicas, socioculturais, e parte, “como desviantes”.

Sob tais apostas e(m) hipóteses, seriam movimentos potencialmente inférteis, às nossas atuais buscas e(m) intenções investigativas – pós-estruturalistas -, posicionarmos as propostas “queer” de modos que compreendendo-as como espécie de conceito e/ou teoria pós que dedica suas atenções, de modos que “diretamente”, aos *organismos corporais (materialidades orgânicas) dos sujeitos*.

Contudo, ressalto vir considerando-as como extensões de um conceito/uma teoria que demanda-nos, enquanto investigadores/as, determinadas considerações às conjunturas, ornamentações e(m) expressões estéticas, performativas (BALL, 2010) e também imagéticas (ALLOA, 2017) sobre as possibilidades de expressões dos sujeitos; buscando, a partir de então, desenvolver pós-análises (ST. PIERRE, 2018) sobre determinados modos de (re)produções estético-performativas - hegemonicamente consideradas como (supostamente) (im)possíveis -, sobre os atuais “modos” de/por (re/des)construções estetizadas dos corpos – considerando-os sob as condições de “corpos-sujeitos”, sempre interpelados por determinados regimes de inteligibilidades sob as tecituras das malhas e(m) contextos das relações interpessoais que, enquanto sujeitos, experimentamos ao longo da vida.

Segundo pesquisas realizadas por Guacira Louro: “não há corpo que não seja, desde sempre, dito e [e]feito na cultura; descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias” (2016, p, 84) **corpo estranho.**

Penso então que, se sob acordos a tais considerações, em contextos teórico-investigativos dedicados a desenvolvimentos de reflexões/discussões investigativas, produzidas sob acordos e(m) aproximações às perspectivas e(m) propostas “queer”, talvez, seriam, ao menos, controversos, às nossas intenções, *quaisquer empregos de expressões “tipicamente” estruturalistas*, como, por exemplo: “*corpo queer*”, “*sujeito queer*” e/ou “*vida queer*”; uma vez que “queer”, se sob estas considerações pós-analíticas (ST. PIERRE, 2018), não se expressaria como conceito/teoria “passível” a quaisquer tentativas de/por territorializações, estruturações e/ou (re)definições teóricas. ***Corpos, sujeitos e vidas são estruturas – orgânicas, subjetivas e/ou práticas; e as propostas queer, são anunciadas como (a)pós-estruturalistas.***

Em um artigo intitulado “*Critically queer*”, Judith Butler escreve a seguinte passagem:

Eve Sedgwick’s recent reflections on queer performativity ask us not only to consider how a certain theory of speech acts applies to queer practices, but how it is that “queering” persists as a defining moment of performativity.’ The centrality of the marriage ceremony in J .L. Austin’s examples of performativity suggests that the heterosexualization of the social bond is the paradigmatic form for those speech acts which bring about what they name. “I pronounce you . . .”, puts into effect the relation that it names. But where and when does such a performative draw its force, and what happens to the

performative when its purpose is precisely to undo the presumptive force of the heterosexual ceremonial? (1993, p. 17).

Aos modos como posso percebê-las, como já dito, as propostas queer não dedicam suas atenções e(m) investimentos, especificamente, às *estruturas* dos corpos orgânicos, nem a quaisquer “(re)arranjos e(m) (dis)posições identitárias de sujeitos”, *própria-mente ditas*; nem mesmo parecem-me ser insinuadas como propostas teóricas que pretendam pressupor determinados “modos/modelos” de vidas e/ou determinadas “expressões estético-performativas e corporais” (supostamente “fixadas”), que (supostamente) possam ser, “hegemônica e/ou teoricamente”, (re/des)consideradas como (supostamente) “monstruosas, incomuns, subversivas, hereges e/ou desviantes”, pelos/as demais.

As propostas e(m) dinâmicas teóricas queer, sob acordos a estas perspectivas, podem ser consideradas como pós-análises relativas “*àquilo*” que “*eclode*” *entre os corpos estetizados*, sócio culturalmente, sob as dinâmicas e(m) contextos das relações; como pós-análises voltadas a investigações sobre determinados regimes de tratamentos relacionais, “sustentados” por determinados regimes normativo-preconceituosos, caracteristicamente estético-performativos e *imaginários* (RUIZ, 2003).

Considerando a ideia de que a imaginação seja mais que a capacidade de trazer o ausente ao presente, seria a capacidade e(m) potencial, que dispomos, enquanto espécie (humana), de/para (re)criarmos o mundo, e tudo o que nele há, sob acordos e(m) consensos de ideias estabelecidas sócio culturalmente entre o grupo de sujeitos que compõem determinada sociedade (WULF, 2013), as estéticas e(m) performances assim também o seriam – tanto as hegemônicas, quanto as consideradas “desviantes”.

A complexidade do humano não permite reducionismos de nenhum tipo, mas apela para a aplicação tensa de diversas dimensões. [...] No embate dialético, percebemos que o ser humano se abre ao mundo na medida em que cria uma imagem própria e singular do mundo. Por isso a razão é sempre um modo de pôr em imagens o sentido lógico. Admiramo-nos ao compreender que este sentido lógico se manifesta sempre implicado em formas simbólicas. O imaginário remete a um sem fundo humano criador que se expressa de modo simbólico-lógico. Um sem fundo humano que não se explica de modo absoluto já que se implica sempre de modo criativo em tudo o que realiza (RUIZ, 2003, p. 14-15).

*Sob estas considerações, as propostas e(m) movimentos teóricos queer, **aconteceriam** através de pós-análises investigativas operadas (**d**)entre as relações estabelecidas entre **determinados corpos**, tendo como “energias de combustões” para suas dissidências os regimes de normas e(m) normatividades imagético-performativas, pelos quais, somos atingidos e interpelados, enquanto sujeitos e(m) sociedades, ao longo de nossas vidas.*

Assim, os movimentos queer seriam compreendidos, aqui, como pós-análises dedicadas a investigar sobre “o que/como” determinadas imagens e(m) performances estético e/ou operativo corporais, hegemonicamente consideradas “abjetas”, tendem “a evocar” determinadas reproduções de regimes de preconceitos, estabelecidos pelos contextos das relações socioculturais praticadas entre “subgrupos identitarizados” de sujeitos.

Neste sentido, as propostas queer podem ser posicionadas, aqui, como dedicadas a investigar sobre determinados acontecimentos e(m) (e)feitos político-relacionais que eclodem, recorrentemente, como regimes de tratamentos preconceituosos e excludentes dirigidos aos corpos sócio culturalmente considerados como “inadequados”, “monstruosos”, “hereges” e/ou “estranhos”.

Aos modos como posso (re)pensá-las Hoje, as propostas queer voltam suas atenções e(m) pós-análises às normas sobre as imagens e(m) performances dos corpos, considerando, a partir de então, seus impactos e(m) efeitos estético-perforativos nas tecituras das relações interpessoais praticadas entre determinados (subgrupos de) sujeitos.

Pensando sobre imagens, Emmanuel Alloa nos escreve o seguinte:

A lógica das imagens não pode ser resumir a uma gramática icônica: ela implica nos corpos aos quais elas se mostram e pelos quais elas podem se mostrar. [...] A “imagicidade” não depende em nada dos corpos representados. Imagens não são simples representações demonstrativas de uma significação já construída em outro lugar, são, ao contrário, *mostrações originárias*. [...] As imagens exibem, no seu funcionamento, o *fundo dêitico de toda expressão* (que diz respeito, portanto, igualmente a linguagem, discursiva), visto que, em sua singularidade, as imagens nos ensinam alguma coisa sobre fenômeno expressivo em geral. Se elas se abrem a decidibilidade, as imagens não têm, com tudo, *lógos* predicativo como horizonte ou *télos*. Na sua dimensão circunstancial, as imagens são, portanto, ao mesmo tempo mais e menos que a linguagem discursiva [e que o próprio corpo/objeto que elas mesmas (re/des)classificam enquanto o que se mostra] (2017, p. 32).

Considerando as propostas teóricas queer como “caracteristicamente” acordadas ao que propõem as teorias das *imagens* (ALLOA, 2017) e do *imaginário* (WULF, 2013), encontro possibilidades em suspeitar das, atuais, “aparentes” intenções e(m) tentativas de/por capturas e(m) enquadramentos deste *conceito/teoria*, **pós-estruturalista**, como “aquilo” que (supostamente) dedica suas atenções aos “corpos orgânicos”, “a determinados ‘subgrupos’ (identitalizados) de sujeitos” e/ou “modos de vidas”.

Assim, potencialmente, encontramos condições “mais amplas” para consideramos tais propostas, como conceito/teoria dedicada a potenciais desenvolvimentos de pós-análises sobre os *fluxos e(m) regimes normativo-socioculturais, distribuídos, instaurados e mantidos por modos de represent-ações e(m) inteligibilidades estético-imaginarias, caracteristicamente normalizadoras, e potencialmente geradoras de atos e(m) (e)feitos de regimes de violências e preconceitos diversos; dirigidos a determinados corpos que, hegemônica, sociocultural e estético-performativamente, são (im)compreendidos como “espécies de (con)figurações (supostamente) confusas, errantes, desviantes e/ou hereges”*.

Segundo estudos desenvolvidos por Guacira Louro: “na medida em que o queer aponta para o estranho, para a contestação, para o que está fora do centro, seria incoerente supor que a teoria se reduzisse a uma “aplicação” ou a uma expressão de idéias fundadoras” (2016, p. 44) **corpo estranho**.

Passo a considerar, aqui, então, o *conceito “queer”* como investimentos e(m) ressonâncias de fluxos pós-analíticos, que dedica suas atenções a determinados “tipos recorrentes de dinâmicas relacionais”, acontecidas, entre (subgrupos de) sujeito, através de dinâmicas relacionais “tipicamente” fundamentadas por (des)ordens e(m) regimes de preconceitos e(m) *in/exclusões* (VEIGA-NETO; LOPES, 2010) socioculturais; estruturadas por/como regimes de (modos de) inteligibilidades estético-performativos – de matrizes socioculturais, político-históricas, imaginárias e educacionais – caracteristicamente normalizadores e normativos. **“Queer”, assim, não teria corpo, nem rosto, nem forma, nem cor, nem classe social; senão “apenas” (re)atravessamentos e(m) eclosões ressonantes, operativas e dinâmico-contextuais.**

As tentativas de/por territorializações das propostas queer, expressando-as como supostamente relativas a, e descritoras de, determinados “tipos de corpos”, além de, potencialmente, reduzirem as potências reflexivo-teóricas que nos são possíveis através

destas propostas, aparentemente, também alude-nos a tentativas por instaurações “acadêmicas” de uma espécie de “*estruturação orgânico-teórica*” em propostas investigativas anunciadas como *pós-estruturalistas*.

Se as propostas “queer” tratam de contribuir para com desenvolvimentos de pós-análises sobre determinadas relações socioculturais praticadas entre “subgrupos de sujeitos” (caracteristicamente violentas, in/excludentes e preconceituosas), e sustentadas por determinadas concepções normativas sobre (supostas) idéias sobre normalidade/anormalidade de determinadas imagens e(m) performances corporais, então, *tal como no caso da teoria das imagens* (ALLOA, 2017), podemos considerar que “as extensões analíticas” operadas pelas propostas queer, não teriam “(um) lugar”, e, por que pós-estruturalistas, não se assentam nem mesmo nas extensões corporais pelas quais *acontecem através dos regimes de relações*, nem nas vidas (re)*atravessadas* por tais regimes de preconceitos.

Assim, as *políticas* queer, só acontecem nos/pelos contextos das relações e(m) modos de mostrações e(m) inteligibilidades estético-performativas dos corpos, hegemonicamente considerados “estranhos”. “Queer”, assim, não consistiria como “o próprio corpo/sujeito”, submetido a regimes de preconceitos, senão, como as práticas relacionais, caracteristicamente preconceituosas, violentas e in/excludentes, vividas, por determinados corpos, “por conta” das imagens que expressam, “sobre si mesmos”, nos contextos das relações e(m) práticas cotidiano-sociais que praticam e pensam.

Hoje, os corpos orgânicos tendem a ser compreendidos como mapas semantizados estético-performativamente – homem/mulher, criança/jovem/velho, 2 braços, 1 boca, etc. -, e, assim, quaisquer tentativas por potenciais buscas de reivindicações teóricas, que pretendam “*atestar*” as propostas queer como relativas a determinado(s) “tipo(s) de corpo(s)”, e não como “aquilo” que, teoricamente, pós-analisa, denota e reflete sobre determinadas considerações às normas, leis, regras e(m) normatividades - político-históricas, socioculturais e educacionais - estético-performativas (específicas), impostas aos corpos como *regimes restritos* de/por “modos (hegemonicamente) considerados (im)possíveis de/para (re)construções e(m) expressões ‘dos figurinos’ de si mesmo”, me parecem tentativas de/por investimentos teóricos dirigidos sob intenções de estruturar um conceito/teoria, (*a*)*pós-estrutural*, enquanto espécie de “*estrutura identitária*”.

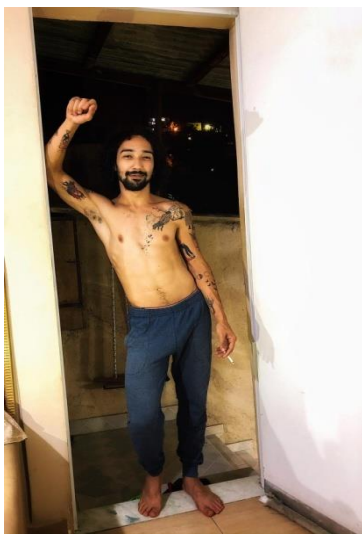
*“Dentre as imagens sobre este único corpo, qual destas pode ser considerada queer”
(!)?*



William Scheidegger, 2018



William Scheidegger, 2018



William Scheidegger, 2020



William Scheidegger, 2019

Segundo pesquisas desenvolvidas por Kathryn Woodqard (2014):

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório implica um princípio de diferença a uma população de

forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles [...] eu/outro (p. 40).

“Quais seriam as atribuições estético-performativas de estranhezas” que (*supostamente*) “poderiam tornar” um corpo como “identidade-queer”? Quais (*re/des*)classificações, *normas, regras, leis e(m) “inteligibilidades” – teóricas, imagéticas e/ou performativas - “deveríamos” (re)inventar (ou já estamos (re)inventando) para que (supostamente) determinado corpo possa ser reconhecido como um corpo queer? Novas estruturas estético-normativas em propostas pós-estruturalistas(?)*.

Cada vez mais, corpos que, sócio culturalmente, têm suas estéticas e/ou performances recorrentemente consideradas, pelos/as demais, como “monstruosas”, “desviantes”, “errantes” e/ou “hereges”, tem reivindicado, nas universidades, “para si”, o *conceito/a teoria queer* como espécie de rotulação e(m) abrigo identitário; como se, de algum modo, este *conceito/teoria* coubesse/servisse como identidade de/para (*re/des*)classificações de “tipos/subgrupos de sujeitos”.

As propostas queer, sob considerações as reflexões e(m) debates desenvolvidos até aqui, encontram condições por serem percebidas como atribuições a um conceito/uma teoria desenvolvida sob anúncios de experimentações e(m) acordos ao que nos propõem as próprias “teorias pós” - dedicadas a pós-analisar os regimes normativo-relacionais (*re/im*)postos, a nós, através de determinados “modos relacionais” praticados entre sujeitos, a partir de operações socioculturais caracteristicamente preconceituosas e in/excludentes, que tendem a reforçar determinadas normas e(m) normatividades socioculturais sobre alguns modos/modelos específicos de expressões e(m) apresentações das imagens e(m) performances de um (suposto) “si mesmo”, *frente as (con)vivências e(m) coletivos socioculturais*; onde algumas (*con*)figurações estético-performativas corporais são hegemonicamente consentidas e assumidas enquanto “normais”, e outras como “anormais”.

Assim, a teoria/o conceito queer trataria de pós-analisar determinadas *idéias e(m) consensos imaginários* (WULF, 2013) que, normativa, e sócio culturalmente, tendem a resultar em práticas e em pensamentos de discriminações e(m) preconceitos estabelecidos, relacionalmente, entre determinados (“subgrupos de”) sujeitos – estetizados e identitarizados.

Neste sentido, as *propostas* teóricas queer estudariam e pós-analisariam determinadas crenças e(m) *mitos* (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012) socioculturais, educacionais e político-históricos, potencialmente geradores e mantenedores destes próprios regimes relacionais, sustentados por atos e políticas de violências, preconceitos e(m) *in/exclusões* relacionais e socioculturais.

As propostas queer, sob estas perspectivas, não seriam sinônimo dos corpos que sofrem prejuízos socioculturais, político-históricos e/ou educacionais, por que submetidos a “estes regimes” de tratamentos in/excludentes, mas pode consistir como *espécie de estímulos por desenvolvimentos de práticas investigativas pós-analíticas que voltam suas atenções a determinados (e)feitos e(m) acontecimentos relacionais – in/excludentes e violentos – praticados e pensados, recorrentemente, pelos sujeitos, a partir de determinados modos de perceber e interpretar determinadas imagens e(m) performances corporais hegemonicamente consideradas como “a/típicas”*.

As propostas queer, então, se concebidas sob estas direções, podem ser assumida como propostas caracteristicamente pós-analíticas, voltadas a desenvolvimentos de investigações relativas a determinados regimes relacionais, caracteristicamente político-históricos, educacionais e socioculturais. E, considerando a idéia de que nenhum corpo orgânico consista, de fato, enquanto política, história, sociedade e/ou cultura “em/como si mesmo”, senão como extensão orgânica pela qual (re)produzimos, praticamos e (re)pensamos estes próprios princípios e(m) ações performadas no plano que denominamos “real”, as propostas queer tratariam, senão, de nos propor “ferramentas” para que pós-analisemos determinados (e)feitos e(m) acontecimentos, socioculturais e relacionais, específicos, sofridos por determinados corpos, por conta de seus modos de expressões estético-performativas. *Queer seriam acontecimentos/roteiros político-relacionais, não sujeitos/personagens*.

Considerações finais

O conceito/a teoria queer, tende a ser muito *citada* em pesquisas acadêmicas sobre sexo, gênero e sexualidade, quando desenvolvidas sob perspectivas propostas por “teorias pós” (ST. PIERRE, 2018), e, em determinadas extensões, considero que venha contribuindo bastante para o desenvolvimento de idéias, reflexões e(m) perspectivas potencialmente interessantes e provocadoras sobre diversas questões e(m) problemáticas que, atualmente, enfrentamos.

Todavia, vale ressaltar que, tratando-se de teorias pós, quaisquer tentativas de/por “fixações, definições, determinações e/ou enquadramentos teóricos” expressam paradoxos frente a estas mesmas propostas pós-estruturalistas e, neste sentido, estarmos atentos/as aos nossos próprios discursos pode consistir como prática e ferramenta valiosa por produções de pesquisas pós-estruturalistas que, potencialmente, *apliquem – de maneiras práticas e teóricas -, estas próprias concepções, idéias e(m) hipóteses investigativas propostas pelas teorias pós.*

Não é suficiente resgatar a linguagem de sua mera função instrumental e restituí-la como manifestação primária daquilo que somos e fazemos. Além de autocompreendermo-nos como seres da linguagem, temos de contemplar a trama simbo-lógica que subsiste nela. A reflexão hermenêutica contemporânea deu destaque ao sentido como dimensão constitutiva da linguagem; nossa tarefa agora é nos aproximarmos um pouco mais da linguagem e perceber que esse sentido não é uma mera construção lógica e que ele está configurado, também, pela dimensão simbólica. A linguagem é sempre uma forma simbo-lógica de expressar-nos e de articular nossa prática. Isso nos remete ao discurso não mais como uma construção estritamente lógica, mas como uma construção essencialmente mito-lógica (RUIZ, 2003, p. 15-16).



(William Scheidegger, *Encontro dos (mal)ditos*, 2020).

Encerrando este (con)texto, ressalto e expresso que a *luminologia* (MOREIRA, 2021), aqui, deve ser buscada, neste (con)texto como espécie de expressões e(m) práticas que suturam esta própria produção – uma vez que buscar por explicá-la, mapeá-la seria o mesmo que estruturá-la, o que não cabe enquanto intenção. A luminologia é uma prática (a)pós-estruturalista.

Referências:

BUTLER, J. Critically queer. *GLQ*, vol. 1, p. 17-32, 1993.

SILVA, T. T. (*org.*). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2014;

FOUCAULT, M. História da sexualidade: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2015, c.;

WULF, C. Homo Pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo, Hedra, 2013;

LOURO, G. L. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, a.;

ALLOA, E. (*org.*). Pensar a imagem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017;

BUTLER, J. Relatar a si mesmo: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017;

FERREIRA-SANTOS, M.; ALMEIDA, R. Aproximações ao imaginário: bussola de investigação poética. São Paulo: Képos, 2012;

ST. PIERRE, E. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa: em direção à “pós-investigação”. *Práxis Educativa*, p. 1044-1064, 2018;

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: rizoma. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, v. 1, Editora 34, 1ª Ed., 1995.

BAKER, K. Encontrando o meu caminho para a a/r/tografia. *Revista VIS: Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arte*, 16(2), 8-26;

MAFFESOLI, M. A república dos bons sentimentos. São Paulo: Iluminuras LTDA, 2009.

MOREIRA, W. S. *Luminologia e(m) Educação, (à)pós-loucura: uma proposta sinest-analítica: Corpo, Educação, Arte, Literatura e Filosofia em foco*. Dissertação. Rio de Janeiro, 139 p., 2021.